



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

MACIEL MOTA DA SILVA

ACERCA DO CONCEITO *VERDADE* NA OBRA *SER E TEMPO* DE HEIDEGGER

**CAMPINA GRANDE
2018**

MACIEL MOTA DA SILVA

ACERCA DO CONCEITO *VERDADE* NA OBRA *SER E TEMPO* DE HEIDEGGER

Relatório de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Maciel Mota da.
Acerca do conceito *verdade* na obra *Ser e tempo de Heidegger* [manuscrito] : / Maciel Mota da Silva. - 2018.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia. 2. Filosofia alemã. 3. Verdade. 4. Dasein.

21. ed. CDD 193

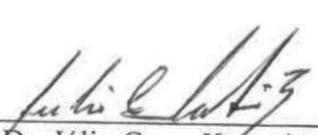
MACIEL MOTA DA SILVA

ACERCA DO CONCEITO *VERDADE* NA OBRA *SER E TEMPO* DE HEIDEGGER

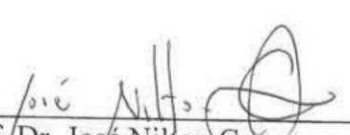
Relatório de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: 24/04/2018.


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Otacilio Gomes da Silva Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a todos
aqueles que contribuíram direta ou
indiretamente na minha formação.

AGRADECIMENTOS

À Deus por sua infinita graça e misericórdia, direção, proteção e todas as bênçãos que não podem ser contadas.

À minha querida esposa, Maria Eduarda e minha filha Sarah, por toda contribuição direta a minha formação.

Ao meu pai Cícero, a minha mãe Maria do Socorro, aos meus irmãos e cunhados e pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares e por todo apoio.

Ao professor Júlio César Kesting por ter me aceito como orientando, agradeço pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação. Por ter visto em mim potencial para a pesquisa filosófica e por ter acreditado em mim.

Aos demais professores dessa universidade que ao longo do curso me proporcionaram ver o mundo de mais uma maneira mediante as disciplinas que foram ofertadas pelo curso. Agradeço por participarem da minha formação.

Aos meus amigos por todo companheirismo e momentos juntos em diversão.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Eu sou a Verdade.” Jesus Cristo

ACERCA DO CONCEITO *VERDADE* NA OBRA *SER E TEMPO* DE HEIDEGGER

Silva, Maciel Mota da¹

RESUMO

O trabalho de pesquisa originalmente desenvolvido junto ao PIBIC – cota 2016/2017 – objetiva analisar a questão da verdade na obra *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. O modo como o filósofo apresenta a questão é profundamente inovador. Heidegger substitui os conceitos de sujeito, da intencionalidade e da consciência pelo conceito de *revelação* (*Erschlossenheit*); assim, a verdade é remetida a uma dimensão anterior àquela proposicional, ou seja, ao modo prático do ser do *Dasein* no mundo. Se a tradição filosófica sempre entendeu a questão apenas na propriedade da proposição verdadeira ou falsa, para Heidegger o fenômeno originário da verdade está ligado à questão do velamento e do desvelamento, por meio da própria característica existencial do *Dasein* enquanto *Erschlossenheit*, enquanto revelação, enquanto abertura. Para Heidegger, a questão da verdade está relacionada ao *Dasein*: nela somos sempre levados a pressupor a sua existência. *A verdade existe na medida e enquanto que o Dasein existe*. Então, a verdade é relativa ao *Dasein*; só há verdade enquanto há *Dasein*. Sem o *Dasein* não há verdade. A discussão sobre a questão da verdade na filosofia de Heidegger acontece num plano transcendental porquanto ele busca nas articulações de suas argumentações as condições de possibilidade da mesma. Mas essa transcendentalidade, diferentemente do que acontece, por exemplo, na filosofia kantiana, não é visão a partir do sujeito, mas no âmbito do modo prático do *Dasein ser-no-mundo*.

Palavras-chave: Heidegger. *Dasein*. Verdade.

¹ Graduando do curso de licenciatura em filosofia da Universidade Estadual da Paraíba

ABSTRACT

The research work originally developed with the PIBIC - 2016/2017 - aims to analyze the question of truth in the work of Being and Time by Martin Heidegger. How the philosopher presents the question is profoundly innovative. Heidegger replaces the concepts of subject, intentionality and consciousness by the concept of revelation (*Erschlossenheit*); so the truth is referred to a dimension prior to that propositional, that is, to the practical mode of being of Dasein in the world. If philosophical tradition has always understood the question only in the property of the true or false proposition, for Heidegger the originary phenomenon of truth is linked to the question of concealment and unveiling, through the very existential characteristic of *Dasein* as *Erschlossenheit*, as revelation, as opening. For Heidegger, the question of truth is related to Dasein: in it we are always led to presuppose its existence. The truth exists in the measure and while the Dasein exists. So the truth is relative to Dasein; there is only truth while there is Dasein. Without Dasein there is no truth. The discussion of the question of truth in Heidegger's philosophy takes place on a transcendental plane because he searches in the articulations of his arguments the conditions of possibility of the same. But this transcendental, unlike what happens, for example, in Kantian philosophy, is not view from the subject, but within the practical mode of Dasein being-in-the-world.

Keywords: Heidegger. Dasein. Truth.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	08
1	A QUESTÃO DA ONTOLOGIA FUNDAMENTAL.....	10
1.1	<i>ANALÍTICA DA PRE-SENÇA, DO DASEIN.....</i>	12
2	OBJETIVO GERAL.....	15
2.1	<i>OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</i>	15
3	METODOLOGIA.....	16
4	RESULTADOS.....	17
4.1	<i>A QUESTÃO DA VERDADE.....</i>	17
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

A questão que aprofundamos na nossa pesquisa sempre esteve presente em todo o desenvolvimento do pensamento filosófico ocidental e ocupa um espaço central na obra *Ser e Tempo* do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976): a questão da verdade.

Nos primeiros 42 parágrafos de sua obra principal, utilizando o método fenomenológico, Heidegger efetua uma análise fenomenológico-interpretativa (uma analítica existencial propedêutica) do *Dasein*; em seguida, desenvolve os seguintes temas: no parágrafo 43, trata da relação entre *Dasein, mundaneidade e realidade (Dasein, Weltlichkeit und Realität)* e no parágrafo 44, a relação entre *Dasein, revelação e verdade (Dasein, Erschlossenheit und Wahrheit)*. O parágrafo 44 é o último da primeira seção da obra e precede a segunda seção, cuja intenção fundamental é a análise da relação entre *Dasein e temporalidade (Dasein und Zeitlichkeit)*. Será que a localização da questão da verdade abordada no parágrafo 44 é puramente acidental ou trata-se de uma abordagem última de todo um procedimento propedêutico anterior? Segundo Stein (2006, p. 21),

O discurso heideggeriano localizado no coração de *Ser e Tempo* sobre o problema da verdade nos dá a matriz a partir da qual toda sua obra pode ser lida e, talvez, deva ser lida. Os dois elementos decisivos são, por um lado, a intenção de Heidegger de criticar a questão da verdade tradicional, não no sentido pejorativo, e, por outro, sobre essa crítica desenvolver alguns aspectos da verdade como ele pensa que ela deva ser desenvolvida, depois de 25 séculos da História da Filosofia e dos 40 parágrafos de *Ser e Tempo*.²

No seu empreendimento filosófico Heidegger de maneira alguma rejeita o modelo proposicional de verdade, muito menos ainda a concepção da verdade como propriedade de enunciados; ele quer evidenciar, contudo, o caráter derivado do conceito tradicional, pondo em evidência, assim, o elemento profundamente inovador de sua própria concepção³. Esse elemento novo encontra-se expresso na seguinte passagem presente no parágrafo 44 de *Ser e Tempo*: “A ‘verdade’ originária é um ‘lugar’ da enunciação e a condição ontológica da

² A obra de Ernildo Stein “Sobre a Verdade. Lições preliminares ao parágrafo 44 de *Ser e Tempo*” pode ser considerada um clássico acerca da temática da verdade na obra *Ser e Tempo* de Heidegger e exercerá na nossa pesquisa um papel profundamente norteador.

³ Neste sentido, afirma Inwood no seu *Dicionário Heidegger* (2002, p. 196-197), “A verdade não é primordialmente uma propriedade de proposições ou juízos; ela é o que nos capacita, ao contrário de pedras, plantas e animais, a fazer toda e qualquer proposição e juízo. Antes que uma proposição possa ser pronunciada ou compreendida, o mundo à nossa volta e os entes dentro dele precisam ser descobertos de um modo que não pode ser igualado com um conjunto de crenças discretas nem expresso em um conjunto de proposições discretas”.

possibilidade para as enunciações poderem ser verdadeiras ou falsas (descobridoras ou encobridoras)".⁴ Mas 'o que' entende realmente o filósofo quando fala nesta passagem de uma *verdade originária*?

Para Heidegger, a questão da verdade está relacionada impreterivelmente ao *Dasein*: nela somos sempre levados a pressupor a sua existência. A verdade "só 'é' na medida e enquanto que a pre-sença é".⁵ Então, a verdade é relativa ao *Dasein*; só há verdade enquanto há *Dasein*. Sem o *Dasein* não há verdade. A discussão sobre a questão da verdade na filosofia de Heidegger acontece num plano transcendental porquanto ele busca na articulação de suas argumentações filosóficas as condições de possibilidade da mesma; mas essa transcendentalidade, diferentemente do que acontece, por exemplo, na filosofia kantiana, não é vista a partir do sujeito, mas no âmbito prático do *Dasein ser-no-mundo*. "Sem *Ser e Tempo* este modelo prático da verdade nunca poderia ser compreendido". (STEIN, 2006, p. 187). Heidegger efetua, pois, uma ligação do conceito verdade com o modo de ser do *Dasein* no seu ser-no-mundo. "Mundo é aquilo onde nós nos movemos, onde nós nos arranjamos, onde nós lidamos com as coisas. Justamente este tipo de conceito de mundo prático é o que está direta e fundamentalmente ligado ao conceito de verdade". (STEIN, 2006, p. 23). Assim, a verdade é remetida a uma dimensão anterior àquela proposicional, ou seja, ao modo prático de ser do *Dasein*.

O que Heidegger quer explicitar quando remete esta verdade a uma dimensão prática é que o modo concreto de o ser humano já sempre se entender no mundo sendo no mundo, este modo concreto é revelador, isto é, é explicitador ou, ainda, este modo concreto de ser significa o compreender-se ou o autoexplicitar-se. Há um auto-explicitar-se anterior ao nível da proposição que se dá deste que somos no mundo. É evidente que a analítica existencial descreve este universo. (STEIN, 2006, p. 160).

Heidegger, na sua analítica existencial, pretende, pois, fundamentar e explicitar esse *universo* que deveria ser visto *como condição ontológica da possibilidade para que as enunciações possam ser verdadeiras ou falsas*. Heidegger, com seu novo paradigma filosófico, rompe com o modelo tradicional de pensamento articulado na relação sujeito-objeto. É evidente que o filósofo alemão fala ainda em diferença, mas a diferença entre sujeito e objeto não seria mais fundamental; para ele, a diferença originária, fundamental é aquela que se estabelece entre o ser e o ente, chamada de *diferença ontológica*.

⁴"Die ursprüngliche 'Wahrheit' ist der 'Ort' der Aussage und die ontologische Bedingung der Möglichkeit dafür, dass Aussagen wahr oder falsch (entdeckend oder verdeckend) sein können". (HEIDEGGER, 1993, p. 226).

⁵A verdade "ist nur, sofern und solange Dasein ist". (HEIDEGGER, 1993, p. 230).

1. A QUESTÃO DA ONTOLOGIA FUNDAMENTAL

Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, recoloca a questão fundamental do ser que deu fôlego às pesquisas de Platão e Aristóteles, mas que depois caiu no esquecimento pelas mãos do pensamento filosófico ocidental. É colocando a temática do ser, que Heidegger deseja suscitar uma reflexão sobre o sentido da existência humana no mundo. Sendo a questão do ser para Heidegger, uma questão necessária para o filosofar, sua obra, embora contenha traços existencialistas, não é uma obra, cujo objetivo principal é discutir a existência humana. O esquecimento do ser pela tradição filosófica é duplo, como Safranski nos diz, “o prólogo queixa-se contra um duplo esquecimento do ser. Esquecemos o que é ser e também esquecemos esse esquecer”. (SAFRANSKI, 2005, p. 188). Por causa desses desastrosos esquecimentos danosos à filosofia, Heidegger conclama mais uma vez a questão do ser, um renovação da questão em busca pelo sentido do ser, trata-se ainda de um novo despertar para a compreensão do que é o ser.

A questão do ser, como resultado da árdua pesquisa de Platão e Aristóteles (e era a grande expressão do pensamento filosófico ocidental), caiu no esquecimento porque se perdeu “o caráter problemático da questão aberta”. (MACDOWELL, 1993, p. 166). A metafísica não se ocupava mais com a obscura questão do ser, embora tivesse nele, seu modo próprio de conhecer. Heidegger critica a metafísica, não pelo desuso da ideia de *ser*, ou ainda, como se a metafísica não fosse guiada por ideias sobre o ser, mas pelo fato de que, segundo Macdowell (1993, p.167):

A ideia de ser, sobre a qual se baseia a metafísica em toda a sua investigação, não é posta em questão, não constitui assunto de interrogação, de discussão temática. Em vez disso, esta ideia é transmitida, de geração a geração, como um pressuposto evidente, natural, sem que a sua origem e fundamento despertem a menor curiosidade.

Segundo Heidegger, sobre a questão do sentido do ser, dogmas surgiram, afirmando o ser como uma questão supérflua, ou ainda, que não há nenhuma necessidade de se lançar sobre tal questão por serem seus conceitos, por demais vazios e universais. Por causa desses dogmas, as conquistas feitas por Platão e Aristóteles, pelas mãos da tradição, mantiveram-se “em muitas distorções e recauchutagens” (HEIDEGGER, 2002, p. 27) nas ontologias a eles posteriores e que persistiram até a lógica de Hegel. Heidegger destaca pelo menos, três distorções na questão do ser, na tradição filosófica. A primeira diz que “ser é o conceito mais universal”, a segunda diz que “o conceito de ser é indefinível” e a terceira diz que “ser é um conceito evidente por si mesmo”. Essas distorções influenciaram fortemente a tradição

filosófica para que a questão do ser caísse em esquecimento. “Assim o que, encoberto, inquietava o filosofar antigo e se mantinha inquietante, transformou-se em evidência meridiana, a ponto de acusar quem ainda levantasse a questão de cometer um erro metodológico”. (HEIDEGGER, 2002, p. 28).

Heidegger passa, então, a verificar o fundamento das distorções sobre a questão do ser. Ele investiga essas distorções, que ele chama de preconceitos, começando pela proposição *Ser é o conceito mais universal*. Essa universalidade do ser não pode ser vista aqui como de gênero, e ainda, ser não põe delimitações a região suprema do ente. Na linguagem dos medievais, a universalidade do ser é uma transcendência e está acima de toda delimitação. Por ser universal, é o próprio ser que dá condições a toda delimitação. A ontologia medieval vai utilizar-se desse modo de compreender o ser e denominá-lo *transcendens*; nela discutiu-se muito sobre ele, sem que se conseguisse esclarecer a obscuridade dos nexos categóricos. Até mesmo sobre Hegel, Heidegger afirma que o que ele chamou de ser como “imediate e indeterminado” está ainda preso às determinações antigas da ontologia, com a diferença que abandonou o problema, apontado por Aristóteles, sobre a unidade do ser, em face das suas multiformes categorias. O que pensaram sobre o ser quando disseram que ser era o conceito mais universal, pensaram, segundo Heidegger, de maneira confusa, uma vez que ao se afirmar isso, não conseguiram dissipar a obscuridade do conceito do ser.

O segundo preconceito ou distorção está no conceito de ser, quando se diz que o *conceito de ser é indefinível*. Esse preconceito surge como consequência da máxima universalidade do ser. De acordo com esse modo de pensar, o ser não pode ser definido, uma vez que não pode lhe ser acrescentado um ente. Não se pode definir o ser com conceitos superiores, já que não podem existir pelo fato de que somente o ser é universal, nem ainda com conceitos inferiores. Heidegger (2002, p. 29, nota 5) utiliza-se da citação de Pascal:

“Não se pode tentar definir o ser sem cair no seguinte absurdo: pois não se pode definir uma palavra sem começar por – é –, quer se a exprima, quer se a subentenda. Portanto, definir o ser seria preciso dizer é, e assim, empregar a palavra definida de definição”.

Fica evidente que a indefinição do ser continua evocando a necessidade do questionamento pelo ser e ainda mais a reforça, e não oferece uma base forte o suficiente para colocar o ser no esquecimento.

O terceiro preconceito sobre a questão do ser está na declaração: *ser é um conceito evidente por si mesmo*. Todas as definições sobre os entes necessitam do ‘é’. Por exemplo,

quando se diz que a nuvem é branca, ou o cavalo é forte, é compreendido por qualquer pessoa. Mas Heidegger julga que nesse modo de pensar, pois diz que ao invés de apontar para a compreensão, ele apresenta uma grande incompreensão. Essa incompreensão aponta para o enigma do ser que já está posto *a priori* a todo o ser para o ente. Se já está posto, *a priori*, esse enigma, torna-se evidente que a incompreensão do ser é ainda maior, uma vez que é falada, mas não compreendida. Pelo fato de ainda assim permanecer sem compreensão, a questão do ser é ainda muito necessária, como diz Heidegger: “esse fato de vivermos sempre numa compreensão do ser e o sentido do ser estar, ao mesmo tempo, envolto em obscuridades demonstra a necessidade de princípio de se repetir a questão sobre o sentido do ‘ser’”. (HEIDEGGER, 2002, p. 30).

Todos esses preconceitos, concernentes ao ser, proporcionam a necessidade, mais uma vez, da inserção da questão no centro da investigação filosófica. Após esse exame dos principais preconceitos, ficou claro sobre a necessidade de uma resposta para a questão que ousa a ser levantada. E ainda, não somente a questão do ser continuou obscura, mas também o próprio questionar permaneceu sem direção. Por causa dessa obscuridade, Heidegger recoloca a questão do ser procurando um caminho que lhe ponha na direção certa do questionamento sobre o ser. É esse o objetivo de Heidegger em suas reflexões e exposições contidas na obra *Ser e Tempo*.

1.1 A ANALÍTICA DA PRE-SENÇA, DO DASEIN

Para compreendermos mais a obra prima de Heidegger, *Ser e Tempo*, é necessário estudar a questão do método. Desde Descartes, a modernidade se vê arrolada num método, e por isso, Heidegger apresenta, de forma clara, a questão do ser e toda sua obra, *Ser e Tempo*, “se desenvolve na direção de um novo começo, mesmo de uma questão do método” (STEIN, 1988, p. 28). Uma nova figura surge no método heideggeriano que contrapõe as metáforas das teorias da consciência, a saber, o círculo hermenêutico. A ideia do círculo hermenêutico faz uma releitura da tradição da escola histórica, que,

[...] em lugar da consciência põe-se a hermenêutica do ser-aí; em lugar da transparência põe-se a inelutabilidade do ser histórico, do lado. Em lugar da teoria pura da tradição, introduz-se a descoberta da ideia da compreensão do ser-no-mundo, já sempre jogado no mundo e historicamente determinado. (STEIN, 1988, p. 28).

Heidegger faz uma mudança do paradigma tradicional dos temas da própria metafísica tradicional, tais como: Deus, mundo, e chamará tais temas de questões superadas ou ainda de superação da metafísica. A questão e o novo rumo que se levantam, não são mais a relação entre sujeito e objeto, que foram as bases para as teorias da consciência da filosofia moderna. Esta relação preparou Heidegger para uma grande mudança do paradigma tradicional e a propor uma nova questão do método. Vale salientar que essa questão do método não é uma renúncia “a uma pretensão de totalidade da filosofia” (STEIN,1988, p. 28), mas possui a pretensão de “tomar o lugar entre as teorias da consciência e as modernas teorias da linguagem”. (STEIN,1988, p. 29).

O método de Heidegger na obra *Ser e Tempo* é bastante inovador, pois, mostra uma compreensão do ser no horizonte do tempo, ou seja, traz uma compreensão do próprio ser numa interpretação temporal. É esse *ser-no-mundo* que Heidegger passa a observar partindo de uma questão preconceituosa a respeito do ser.

É da questão preconceituosa a respeito do ser, a saber, que *ser é o conceito mais evidente por si mesmo*, que Heidegger vê a necessidade de esclarecê-la, pois “nós nos movemos sempre numa compreensão do ser” e ainda o “sentido de ser já nos deve estar, de alguma maneira, disponível”. (HEIDEGGER, 2002, p. 31). Com isso, Heidegger, além de compreender que tal preconceito se esbarra no uso verbal, enxerga nesse preconceito a possibilidade de construir um fio condutor para a elaboração do conceito de ser. Essa elaboração do conceito de ser significa “tornar transparente um ente – o que questiona – em seu ser”. (HEIDEGGER, 2002, p. 33). A esse ente capaz de questionar a si mesmo Heidegger chama de pre-sença, de *Dasein*.

Heidegger passa, então, a buscar uma explicação adequada para chegar ao ser. Ele toma como ponto de partida o próprio ente, que agora é atingido essencialmente pelo questionado e vê nesse ente dotado de pre-sença a primazia do questionamento ontológico. Diz Heidegger (2002, p. 34) que:

O ente, dotado do caráter da pre-sença, traz em si mesmo uma remissão talvez até privilegiada à questão do ser. Com isso, no entanto, não se prova o primado ontológico de um determinado ente? Não se dá preliminarmente o ente exemplar que deve desempenhar o papel do primeiro interrogado no questionamento do ser?

Heidegger busca fundamentar o primado do *Dasein*, da pre-sença, afirmando que este ente não é um em meio a tantos outros, mas é, do ponto de vista ôntico, privilegiado por sua distinção entre os demais. Essa distinção se dá pelo fato do próprio ser do ente estar em jogo,

ou seja, enquanto ele, sendo, questiona e compreende seu ser. Nas palavras de Heidegger: “é próprio deste ente que ser se lhe abra e manifeste com e por meio de seu próprio ser, isto é, sendo. A compreensão de ser é em si mesma uma determinação do ser da pre-sença. O privilégio ontológico que distingue a pre-sença está em ser ela ontológica”. (HEIDEGGER, 2002, p. 38).

O *Dasein* é o único ente que tem acesso a compreensão do ser, pois somente ele questiona seu próprio ser. Nessa busca pela compreensão do seu próprio ser, pode-se perceber que o sentido do ser “acompanha a ser-no-mundo, não tanto como questão a ser resolvida, mas como forma que é condição de possibilidade da compreensão que o estar-aí tem de si”. (STEIN, 1988, p. 14). A compreensão de seu próprio ser, faz este ente perceber-se no mundo, ou estar-lançado-no-mundo. O *Dasein* ou existência tem um significado de ser e de uma percepção de ser.

2. OBJETIVO GERAL

Através de nossa pesquisa objetivamos elucidar a questão filosófica da verdade na obra Ser e Tempo de Heidegger.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Expor a questão acerca do conceito verdade na obra Ser e Tempo como verdade originária no seu sentido existencial de Erschlossenheit, de revelação, de abertura.
- b. Seguindo o modo próprio heideggeriano de fazer filosofia, mostrar a originalidade da concepção heideggeriana de verdade perante aquela da tradição filosófica fazendo uso sobremaneira das questões desenvolvidas nos primeiros 44 parágrafos da obra Ser e Tempo.

3. METODOLOGIA

Abordagem filosófica: Acerca do conceito verdade na obra Ser e Tempo de Heidegger.

Tipo de pesquisa: bibliográfica com caráter interpretativo, visando à compreensão do pensamento filosófico de Heidegger acerca do conceito verdade, mediante uma investigação que favoreça uma identificação distinta da abordagem.

Instrumento de pesquisa: fichamentos, resumos e resenhas.

Procedimentos de análise: qualitativa, pela identificação dos principais conceitos da filosofia heideggeriana.

Para atender as exigências de desenvolvimento do nosso projeto de pesquisa fizemos uma *leitura atenta dos textos selecionados* sobre a temática, realizando, como é de praxe nesse tipo de metodologia, fichamentos das informações contidas nos textos, possibilitando, desta forma, uma memorização posterior das principais ideias que vão sendo pouco a pouco somadas ao estudo.

4. RESULTADOS

4.1 A QUESTÃO DA VERDADE

A questão da verdade no parágrafo 44 da obra *Ser e Tempo* é desenvolvida por Heidegger começando por uma análise sobre o modo como a filosofia correlacionou verdade e ser. Essa correlação começou com Parmênides, que pensava que ser era a mesma coisa que compreender. Posteriormente, Aristóteles afirmou que seus antecessores foram pressionados pelas coisas elas mesmas para uma investigação sobre a verdade. Essa verdade, que é uma característica própria da filosofia, a qual se intitula como ciência da verdade.

Diferentemente do que muitos filósofos da longa tradição desenvolveram a respeito da verdade, ela é mostrada e pensada por Heidegger não mais como uma teoria do conhecimento ou do juízo, pois verdade significa o mesmo que coisa. Tendo, portanto o mesmo significado que coisa, a questão da verdade é remetida para a ontologia. E qual seria a relação entre verdade e presença (*Dasein*)? Essa é uma questão que Heidegger levantará e, para conseguir respondê-la, partirá do conceito tradicional de verdade expondo seu fundamento ontológico, sendo que, a partir dele, será possível verificar o fenômeno originário da verdade e o caráter derivado do conceito tradicional. Stein (2006, p. 20) diz que:

O que Heidegger pretende é realmente uma grande subversão da tradição filosófica, recolocando a questão da verdade não mais *sub specie aeternitatis*, numa espécie de horizonte de intemporalidade, numa espécie de horizonte de necessidade lógica ou de formas puras ou de idealidade. Heidegger quer abordar a questão da verdade no âmbito das condições existenciais de possibilidade.

Três teses são levantadas a respeito do conceito tradicional da verdade. A primeira diz que o lugar da verdade é o enunciado; a segunda diz que a verdade está na concordância entre o juízo e o enunciado, e a terceira diz que Aristóteles é quem deu início ao pensamento de que a verdade é um tipo de concordância.

A utilização que Aristóteles fez dessa concordância ao dizer que as representações são adequações às coisas teve importância para elaborar posteriormente a essência da verdade como uma *adaequatio intellectus et rei*, por Tomás de Aquino. Esse modo de perceber a verdade como adequação às coisas influenciou também o próprio Kant, que segundo Heidegger foi ingênuo e não discorreu sobre a questão. Kant diz que verdade se encontra no

juízo em relação ao objeto. Se a verdade não se encontra no objeto, mas no juízo, verdade como concordância é a mais universal e mais vazia.

A verdade entendida como concordância ocorre quando um conhecimento concorda com o objeto. Basta alguém estar de costas para a parede e anunciar que “o quadro está torto”. A proposição será considerada verdadeira se e somente se, verificar se o quadro está de fato torto. Ora, esse modo de perceber a verdade como concordância é criticada por Heidegger, pois percebe que, o que esse alguém vê ao voltar os olhos para a parede para verificar se a proposição é verdadeira ou falsa? Heidegger diz que nessa verificação o que é observado não é uma representação, mas o quadro real na parede. É o quadro, o próprio, que se visa, não a proposição nem a representação. Heidegger (2002, p. 285-286) nos esclarece, dizendo que:

Toda interpretação que introduzisse aqui alguma outra coisa, que deveria estar implicada na proposição que apenas representa, falsificaria o conteúdo fenomenal a respeito do qual se emite a proposição. A proposição é um ser para a própria coisa que é. O que se verifica através da percepção? Somente o fato de que é o próprio ente que se visava na proposição. Alcança-se a confirmação de que o ser que propõe para o proposto é uma demonstração daquele ente, o fato de que ele descobre o ente para o qual ele é. Verifica-se o ser descobridor.

Após a verificação do verificado, sabendo que o conhecimento se remete ao próprio ente e que o próprio ente mostra-se assim como ele é em si mesmo, ou seja, sendo na proposição, conclui-se aqui que o que se deseja verificar não é uma concordância entre a proposição e o objeto, mas unicamente o ser e estar descoberto do próprio ente, o ente na modalidade de sua descoberta. O conhecimento, do ponto de vista ontológico, é visto por Heidegger como um ser que, descobrindo, realiza seu ser para o próprio ente real.

Com Heidegger o conhecimento deixa de ser uma relação entre o sujeito e objeto, ou seja, seguindo o molde kantiano, de ser uma relação de concordância entre um ente – ser-descobridor (sujeito) e um outro ente (objeto). Isso só é possível secundariamente, ou seja, ontologicamente falando, com base no ser-no-mundo, ou seja, a partir da pre-sença, do Dasein. Sem dúvida, essa é uma grande investida de Heidegger, como diz Stein (2006, p. 21):

Sem dúvida nenhuma, uma empresa gigantesca, mas, certamente, inovadora, na medida em que Heidegger baseia a questão da verdade sobre a característica, que é um dos existenciais fundamentais do Dasein, que é a *Erschlossenheit*, traduzido por revelação, no sentido de *erschliessen*, revelar, explorar.

O item “b” do parágrafo 44, intitulado o fenômeno da verdade e o caráter derivado do conceito tradicional de verdade, é iniciado com as palavras: “Ser-verdadeiro (verdade) diz serdescobridor”. Essa é uma definição necessária, pois reflete a maneira originária dos filósofos mais antigos. O que Heidegger deseja falar é que os primeiros filósofos pensavam no ser-descobridor, aquele que deixa e faz ver o ente em seu desvelamento.

Heidegger, começando por Aristóteles, diz que ele, ao se referir a *αληθεια*, pensa nas coisas elas mesmas, o que se mostra na sua descoberta. De Heráclito, Heidegger diz que nele (Heráclito) o fenômeno da verdade aparece no sentido de descoberta, ou desvelamento. Assim, o *λογος* “diz como o ente se comporta”, pois é a esse *λογος* que pertence o desvelamento, a *αληθεια*.

A longa tradição filosófica e as teorias acerca da verdade encobriram o sentido da palavra *αληθεια*, traduzindo-a por “verdade”, distanciando assim, do verdadeiro sentido do antigo modo grego. Mas, a própria filosofia possui o ofício de preservar a força das palavras mais elementares. Saindo da dogmática que se desenvolveu acerca do *λογος* e *αληθεια*, Heidegger propõe uma nova definição para a verdade. Ele diz (2002, p. 288) que:

O que antes foi colocado numa interpretação dogmática do *λογος* e *αληθεια*, recebe agora uma verificação fenomenal. A “definição” proposta da verdade não é um repúdio da tradição mas uma apropriação originária: e tanto mais quando se conseguir provar o fato e o modo em que a teoria fundada no fenômeno originário da verdade precisou chegar à ideia de concordância.

Heidegger também diz que a “verdade” como descoberta e ser descobridor não é apenas uma explicação de palavras, pois nasce da análise da pre-sença, cujo modo de ser é o serdescobridor. É verdadeiro, no sentido mais originário, aquilo que possibilita o descobrir. Descobrir, portanto, é um modo de ser-no-mundo. É essa pre-sença, ser-no-mundo, serdescobridor, que descobre, através da observação, seres intramundanos. São esses seres intramundanos que são descobertos pelo ser-descobridor.

Os seres intramundanos possuem a característica de serem verdadeiros de dois modos diferentes: o primeiro modo quando exerce a ação de descobrir, enquanto é pre-sença. O segundo modo quando, ao invés de ser ser-descobridor, é um ser-descoberto. Essa descoberta só é possibilitada pela abertura do mundo. É a pre-sença, no seu modo de abertura, que se mostra com uma disposição, compreensão e discurso sobre o mundo, pois ela também é ser-junto aos entes intramundanos. Ainda sobre a pre-sença, Heidegger diz que “com ela e por ela é que se dá a descoberta. Por isso, somente com a abertura da pre-sença é que se alcança o fenômeno mais originário da verdade”, e ainda, “a pre-sença é e está na ‘verdade’”.

(HEIDEGGER, 2002, p. 289). Isso é uma indicação de que a abertura de seu ser pertence a uma constituição existencial.

Heidegger diz que a proposição: “a pre-sença é e está na verdade” exprime seu sentido existencial através da abertura, do estar-lançado e ainda, da pre-sença, que ela se perde no mundo. Mas é, principalmente através do empreendimento da pre-sença que se abre para o seu poder-ser, que se mostra o fenômeno da verdade mais originária. Heidegger passa a observar, então, os dois caminhos que a deusa verdade apresentou a Parmênides, um do descobrimento e o outro do velamento. Com base nessa passagem de Parmênides, Heidegger afirma que “a pre-sença já está sempre na verdade e na não verdade” (HEIDEGGER, 2002, p. 291). O descobrimento só pode acontecer na cisão, no rompimento consciente entre ambos os caminhos e a opção de um deles. Stein (2006, p. 25) ainda diz, que:

O fato de a verdade estar ligada ao Dasein, entretanto, não significa que sempre se dê esta verdade. Porque o caráter fundamental do ser-no-mundo é ser ao mesmo tempo encobridor. Isto é, a condição humana não se reconhece a si mesma na sua plenitude, concretamente, porque ela tende a se encobrir diante da angústia e diante da morte. Neste sentido, a fuga de si mesmo faz também com que o Dasein encubra a questão da verdade que nele se manifesta. E é nesse sentido que o Dasein está sempre na verdade e na não verdade.

E ainda:

E para pôr a tônica nesta questão da verdade originária, Heidegger falará de verdade e não verdade. Porque a verdade é como que o projeto, o compreender, a abertura, e a não verdade é aquilo mesmo que impede que o compreender, a abertura, seja total, portanto que seja segura, que seja absoluta, que seja apodítica. (...) verdade e não verdade são duas dimensões que determinam o modo de ser no mundo. (STEIN, 2006, p. 173).

Até aqui, Heidegger, interpretando a verdade sob a condição ontológico-existencial, percebeu a pre-sença como o projeto que está lançado, como um ser-no-mundo. Dessa interpretação sobre o fenômeno da verdade, pode-se dizer que a verdade, no sentido mais originário, “é a abertura da pre-sença à qual pertence a descoberta dos entes intramundanos” (HEIDEGGER, 2002, p. 292), e que a pre-sença está na verdade e na não verdade.

O ser-descobridor é aquele ser que está lançado junto aos entes intramundanos. Esse ser-descobridor, enquanto pre-sença, possui o discurso como algo que lhe é próprio. É justamente através da proposição que ele se pronuncia sobre os entes descobertos. É essa proposição, que segundo Heidegger, se comunica com o ente descoberto e através dela a descoberta se preserva. Heidegger ainda diz (2002, p. 293) que:

A pre-sença não precisa colocar-se diante dos próprios “entes” numa experiência “originária”, pois permanece, de modo correspondente, num ser para o ente. Em larga escala, a descoberta não se faz através de cada descobrimento próprio, mas sim apropriando-se do que é dito através de um dizer. (...) A proposição deve ser verificada enquanto proposição descobridora. A proposição pronunciada, no entanto, é um manual de tal modo que traz em si mesma uma remissão ao ente descoberto, na medida em que preserva a descoberta.

Heidegger demonstra ser profundamente inovador em sua pesquisa a respeito da verdade e percebe que a pre-sença, com a ocupação de ser-descobridor, utiliza-se do discurso como remissão ao ente. Ela se exprime em relação ao ente, que é visto, no ato da descoberta, como ele é em si mesmo. O discurso pronunciado pelo ser-descobridor torna-se um manual intramundano. Esse discurso “mantém uma remissão a um ser simplesmente dado, a descoberta (verdade), por sua vez, se torna uma relação simplesmente dada entre seres simplesmente dados (intellectus et res)” (HEIDEGGER, 2002, p. 294). Nesse contexto, a verdade, como abertura do serdescobridor, se torna em verdade concordância entre os seres simplesmente dados, e isso, no mundo. No mundo, a pre-sença se descobre, se compreende e, juntamente com essa compreensão de si, ela descobre também os seres intramundanos, ou seja, ela preserva através do discurso o descobrimento.

Após esse empreendimento acerca de uma compreensão da verdade, Heidegger diz que Aristóteles nunca defendeu a ideia de que o juízo fosse o lugar originário da verdade, mas sim que o λογος, enquanto modo de ser da pre-sença, pode ser descobridor e encobridor. Ainda comentando sobre Aristóteles, Heidegger diz que ele (Aristóteles) não poderia ter estendido o conceito de verdade do λογος (palavra, discurso) para o puro νοειν (pensar, meditar, imaginar, compreender). Ele diz (2002, p. 295):

A verdade da αισθησις – percepção dos sentidos – e da visão das “ideias” é o descobrimento originário. E apenas porque a νοησις – pensamento, compreensão – primeiramente descobre é que também o λογος enquanto διανοειν – por meio do pensar, compreender – pode ter a função de descoberta. (itálico nosso).

O descobrimento originário para Heidegger vem da junção da compreensão e do discurso. A visão ou percepção dos entes intramundanos e sua remissão dão origem e preservação do descobrimento. Enquanto a pre-sença percebe os entes, ela mesma se remete ao próprio ente através do discurso. É, pois, desse modo que Heidegger compreende a verdade. Assim, a partir dessa compreensão, ele ainda diz que atribuíram de forma errônea a

Aristóteles a tese de que o lugar da verdade é a proposição. Esse erro sobre a verdade é, na verdade, um desconhecimento da estrutura da verdade. O lugar da verdade não é a proposição, mas o lugar desta é na verdade mais originária. Além da compreensão dos entes intramundanos, Stein (2006, p. 27) nos diz que “na medida em que lidamos com os entes que nos cercam, com entes disponíveis [...] compreendemos a nós mesmos em nossa existência, por meio da ideia da compreensão do ser”.

O item “c” do parágrafo 44, intitulado o modo de ser da verdade e a pressuposição de verdade passa a ser trabalhada por Heidegger e é iniciada com a seguinte proposição: “a presença é e está essencialmente na verdade. A abertura é um modo de ser essencial da presença. Só “se dá” verdade na medida e enquanto a presença é. Só então o ente é descoberto e ele só se abre enquanto a presença é” (HEIDEGGER, 2002, p. 296).

Heidegger passa a utilizar Newton como exemplo, argumentando que “toda verdade em geral só é verdade enquanto a presença é”. Por isso diz que, antes de Newton, “as leis” que ele discriminou, não eram verdadeiras nem falsas, mas se tornam verdadeiras quando Newton, enquanto presença, cuja abertura é para com o ente intramundano como ser-descobridor, descobre tais leis e assim, elas se tornam verdadeiras. As leis de Newton só são verdadeiras, após serem descobertas pelo próprio Newton, pois o modo de ser da verdade é descobrir aquilo que está oculto. Como base nessa perspectiva, Heidegger (2002, p. 296) diz:

O fato de se darem “verdades absolutas” só pode ser comprovado de modo suficiente caso se logre de mostrar que, em toda a eternidade, a presença foi e será. Enquanto não houver essa prova, a sentença será apenas uma afirmação fantástica que não recebe nenhuma legitimidade apenas porque os filósofos geralmente não “acreditaram”.

A verdade, sendo encarada nessa perspectiva, não pode ser entendida como subjetiva, ou seja, ao modo do arbítrio do sujeito, pois o sujeito, enquanto ser-descobridor, retira a proposição de seu próprio arbítrio. E assim, a verdade sendo relativa à presença, ela também lhe é um modo de ser. Essa presença tem, portanto, a capacidade de libertar o ente e este recebe do serdescobridor toda ligação possível com a proposição. O desejo de Heidegger, não é favorecer a ideia de uma verdade subjetiva, mas, como diz Stein (2006, p. 26), é

Libertar a verdade duma espécie de ligação com a existência contingente do falante, com a existência contingente de quem pensa, na medida em que se deveria colocar a verdade como um elemento que ultrapassa a existência contingente de cada um. Isto para impedir que se caísse num relativismo.

Heidegger também faz uma crítica ao ceticismo, ao pensamento que nega o ser ou nega a existência da “verdade”. Ele diz que, pelo fato do ser-descobridor se pronunciar sobre o ente intramundano, existe “verdade”, existe descobrimento, pois só há verdade enquanto há pre-sença. Um cético ao pronunciar um julgamento, já indica a presença da verdade, pois, a proposição desvela o ente e preserva a descoberta. Logo, um cético não precisa ser refutado. Neste sentido fala Stein (2006, p. 24):

A questão do ceticismo sempre chega tarde, conclui Heidegger, porque antes de pronunciarmos uma frase já estamos praticamente no mundo, compreendendo o mundo. E estamos sob o signo da compreensão do ser, que nós não podemos elidir e eliminar. Nós estamos radicalmente engajados e comprometidos com essa maneira de ser no mundo.

Em Heidegger não existe verdades eternas, porque só há verdade enquanto há pre-sença. A ideia, portanto, de pensarmos numa verdade absoluta, ou num sujeito absoluto, ou ainda num sujeito ideal, é contraditória. Heidegger deseja, pois, nos tirar da fantasia pensamentos recheados de aporias. O ser humano, enquanto pre-sença, compreende a si mesmo e esse desvelar-se para si mesmo é a verdade. A verdade trilha a via horizontal, deixando de lado todo resquício relacionado a ela de teologia (das verdades eternas) presente nos manuais históricos da filosofia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da verdade na obra *Ser e Tempo* de Martin Heidegger é uma questão fundamental e nos leva a re-pensar sobre o modo como a tradição filosófica entedia a verdade. Heidegger, de início, levanta a questão do ser, afirmando que este caiu num esquecimento, ou seja, que a tradição filosófica, além de esquecer o ser, também lançou sobre ele preconceitos. Heidegger traz, então, de volta para as discussões filosóficas o ser.

O ser é, então, pensado já lançado no mundo. Ele é pre-sença, um ser-lançado no mundo juntamente com os outros entes. Ele é um ente em meio a outros entes, mas diferente destes, ele é um ser que pensa a si mesmo, que compreende-se a si mesmo, e se vê num mundo cheio de entes já dados. Heidegger substitui assim, os conceitos de sujeito, de intencionalidade e de consciência pelo conceito de revelação (*Erschlossenheit*); esse ser agora é um ser-descobridor, um ser ligado à verdade. Esta, ao invés de ser uma verdade eterna, ou algo que está na proposição como correspondência, só é enquanto 'é' pre-sença. A verdade está numa estreita relação com a pre-sença. Assim, a verdade é remetida a uma dimensão anterior àquela proposicional, ou seja, ao modo prático do ser do *Dasein* no mundo.

Para Heidegger o fenômeno originário da verdade está ligado à questão do velamento e do desvelamento por meio da própria característica existencial do *Dasein* enquanto *Erschlossenheit*, enquanto revelação, enquanto abertura. O ser-descobridor, através da sua abertura para o mundo, se vê diante de determinado ente e se pronuncia a respeito dele. É no pronunciar-se sobre este que há o desvelamento. A pre-sença, assim, se abre para o ente e, assim, descobre-o, desvela-o. O pronunciar-se sobre o ente se torna um manual e preserva assim o desvelamento.

Para Heidegger, a questão da verdade deve ser relacionada primeiramente e sobremaneira ao *Dasein*: nela somos sempre levados a pressupor a sua existência. A verdade existe na medida e enquanto que o *Dasein* existe. Então, a verdade é relativa ao *Dasein*; só há verdade enquanto há *Dasein*. Sem o *Dasein* não há verdade. A verdade assim pensada, não está na proposição, mas esta está na verdade. O lugar da verdade não é a proposição, mas a proposição está na verdade. Essa reviravolta no pensar sobre a verdade, coloca a mesma numa relação direta e primeira com a pre-sença, com o *Dasein*. Pois, só quando existe revelação (*Erschlossenheit*) da pre-sença existe a possibilidade de se falar de verdade.

REFERÊNCIAS

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1993.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MACDOWELL, J. A. **A gênese da ontologia fundamental de M. Heidegger**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SAFRANSKI, R. **Heidegger**. Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração editorial, 2005.

STEIN, E. **Seis estudos sobre “Ser e Tempo”** (Martin Heidegger). Petrópolis: Vozes, 1988.

STEIN, E. **Sobre a Verdade**. Lições preliminares ao parágrafo 44 de Ser e Tempo. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

STEIN, E. **Analítica existencial e Psicanálise**: Freud. Binswanger. Lacan. Boss – conferências. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.